

ARAÚJO, Alana Georgina Ferreira de. **O produtor-criador na cena teatral contemporânea ludovicense**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – Mestrado e Universidade Federal de Uberlândia; Aluno; Bolsista Capes Demanda Social.

RESUMO: Este ensaio deriva de estudos para minha pesquisa de mestrado na qual investigo o produtor-criador, num contexto do teatro de grupo em São Luís, levando em consideração a forma como os coletivos se organizam para trabalhar sua prática artística. O trabalho partirá da minha prática dentro do Núcleo de Pesquisas Teatrais Rascunho, tendo em vista que a experiência dentro do grupo contribuirá para narrar situações que me levaram a refletir sobre a prática da produção na atualidade. Pensar os processos de produção, tomando como referência o teatro de grupo é ponto de partida a particularidade da função exercida dentro do mesmo, é uma forma de questionar tal processo, atentando para suas implicações como meio, cujo eixo é o próprio artista. Entendo por produtor-criador, o integrante de um grupo que executa atividades na gestão e produção do mesmo e participar das discussões e construção dos processos criativos, contribuindo ativamente para os resultados estéticos do grupo.

PALAVRAS CHAVE: Produção Teatral; Produtor-criador; Criação. Experiência; Teatro de grupo.

RÉSUMÉ: Cet essai est issu d'études de maîtrise dans lesquelles j'enquête sur le producteur-producteur, dans le contexte du théâtre de groupe à São Luís, en tenant compte de la manière dont les collectifs s'organisent pour travailler leur pratique artistique. Le travail commencera à partir de ma pratique au sein du Dramatic Research Center, car l'expérience du groupe contribuera à décrire les situations qui m'ont amené à réfléchir à la pratique de la production aujourd'hui. Penser aux processus de production, prendre comme référence le théâtre de groupe est le point de départ de la particularité de la fonction exercée en son sein, est une manière de remettre en question un tel processus, en prêtant attention à ses implications en tant que médium dont l'axe est l'artiste lui-même. Je comprends un producteur-producteur, membre d'un groupe qui exerce des activités de gestion et de production de celui-ci et participe aux discussions et à la construction de processus créatifs, contribuant activement aux résultats esthétiques du groupe.

MOTS CLÉS: Production théâtrale; Producteur-élèveur; Création. Expérience Théâtre de groupe.

## **O produtor-criador na cena teatral contemporânea ludovicense.**

A presente escrita tem relação com as minhas experiências enquanto artista e produtora do *Núcleo de Pesquisas Teatrais Rascunho – N.P.T.R*<sup>1</sup>. O grupo desenvolve sua prática artística no contexto do *Teatro de Grupo*, para delimitar a investigação, uso como referência o conceito que Rosyane Trotta (1995) apresenta sobre essa forma de organização chamada *Teatro de Grupo*.

O teatro de grupo pode ser pensado como proposta de continuidade e ação orientada para esse objetivo; construção e constante reelaboração das instâncias organizativas, produtiva e artística; coletivização dos processos coletivo, organizativo e produtivo; contínua reflexão acerca do projeto e do próprio grupo. (TROTТА, 1995, p.152)

Levando em consideração o que Trotta (1995) apresenta sobre essa forma de trabalho em grupo, compreendo que o teatro de grupo é pautado por encontros e desencontros, o que nos fez refletir sobre o futuro do grupo, no sentido de sustentá-lo (promover condições de continuidade). Como conseguir manter o grupo? Esse questionamento nos assombrou ao longo do primeiro ano de existência do *Núcleo de Pesquisas Teatrais Rascunho* em 2010. Éramos novos, todos alunos da graduação em licenciatura em teatro com o desejo de fazer teatro, de experimentar o teatro em todas as suas instâncias e então nos jogamos de cabeça nesse desejo. A resposta para o questionamento de como manter o grupo chegou, é a coletividade, coletividade no sentido de fazermos tudo juntos (pensar e discutir qual texto montar, a partir de que, o que queremos com esse texto e por aí vai), sem ter uma pessoa específica no grupo que responda por ele, todos respondem afinal nós somos o grupo. Nenhuma decisão é tomada se todos do grupo não estivessem presentes na reunião, o que em alguns momentos tornou-se um problema, pois as reuniões demoravam mais do que havíamos previsto, porém não existia uma figura que fala pelo grupo, todos falam, porque o grupo somos nós. Coletividade no sentido de se pensar o teatro de forma ampla, de forma autônoma, o que não significa uma ruptura absoluta com procedimentos que caracterizam o mercado cultural (como participar de editais) e sim uma busca por espaço de autonomia. (CARREIRA, 2008).

---

<sup>1</sup> O grupo está em atividade até hoje, porém atualmente é formado por quatro artistas, sendo eles: Alana Araújo, Gilberto Martins, Fernanda Areias e Raphael Brito que se dividem entre o ofício de artistas e professores.

Portanto o *teatro de grupo* nessa pesquisa, é vinculado a um formato de produção e gestão no qual as relações são de horizontalidade, assim como a ambição em realizar trabalhos artísticos que sejam autorais. O *Núcleo de Pesquisas Teatrais Rascunho* não centraliza suas atividades artísticas apenas para a construção de espetáculos, se propõe também a criar movimentos de discussões voltados a pesquisar linguagem teatral e estéticas a partir de mesas de diálogos intitulado *Encontro Fluídos*.<sup>2</sup>

Considerando as explanações acima descritas, apresentarei no decorrer dessa escrita a reflexão sobre a prática coletiva, direcionada à área de produção, mas não no sentido organizativo/operacional que estamos acostumados. A produção nesse escrito é pontuada como parte de um processo criativo, ela também é necessária ao longo do processo de criação, tendo em vista que a forma como se organiza o grupo que é campo de atuação da minha prática de produção, me proporcionando refletir sobre o processo criativo a partir do olhar da produtora.

A Produção teatral não é uma prática que pode ser considerada nova, ela faz parte do fazer teatral desde sempre, assim como o desejo de formar grupo e ser grupo. Atualmente existem pesquisas que a expõe como protagonista como por exemplo, a dissertação de mestrado de Flávia Janiaski (2008) *A produção e gestão no teatro de grupo como projeto de construção de autonomia*, onde a pesquisa coloca em discussão procedimentos de produção e gestão dentro de grupos que exerçam sua prática no contexto do teatro de grupo e a pesquisa desenvolvida por Heloísa Marina (2017) que com sua tese *Atriz-produtora de um teatro menor latino-americano: crises e potências da intersecção dos processos de gestão, produção e criação* que aborda a relação entre processo de criação artística e os meios de produção e gestão de espetáculos e núcleos teatrais. É importante perceber a bravura dessas

---

<sup>2</sup> Encontro Fluídos é um evento que propõe debates entre a produção teatral maranhense, seu público e demais interessados em arte e cultura. Partimos da necessidade de debater a produção teatral contemporânea e dividir nossos processos, dúvidas e ideias, criando campos de diálogo, que tal como os fluidos preenchem a cidade enquanto fazem parte dela.

pesquisadoras como fator de potência para as futuras pesquisas sobre produção.

A ideia de *produção* nesse texto não será associada especificamente a modos de operação, gestão e/ou organização. O conceito que me conecto para compreender a produção dentro do processo de criação é o apresentado por *Ingrid Dormien Koudela* e *José Simões de Almeida Júnior* no livro *Léxico de Pedagogia do Teatro*

A produção, ou ato de produzir qualquer coisa, decorre, na maioria das vezes, de uma ou mais vontades e se organizam, procurando, para a concretização do seu desejo, um determinado modelo de produção – entendido, aqui, como um conjunto de opções organizacionais e estéticas resultantes das condições econômicas de várias organizações e do tipo de financiamento, privado, público, ou misto. O ato de produzir teatro não foge a esse princípio, e a esse ato chamaremos de produção teatral. (KOUDELA E ALMEIDA JUNIOR, 2015, p. 145)

Esse escrito almeja não apenas contextualizar o leitor sobre práticas de produção no âmbito do Teatro de Grupo, mas também, refletir sobre a experiência com produção no processo criativo do *Núcleo de Pesquisas Teatrais Rascunho – N.P.T.R.* O grupo foi criado em 2010, por discentes do curso de licenciatura em teatro da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, com o intuito de investigar e potencializar as práticas, pesquisas e estudos de seus integrantes a partir do processo de criação dentro do grupo. A importância de lançar um olhar sobre o processo de criação a partir de uma figura que muitas vezes é taxada como “carrasco” ou até mesmo “mercenário” por sua função ser associada inicialmente ao financiamento ou investimento de uma obra artística, nos faz compreender que a história do teatro no Maranhão (assim como de outras localidades) pode ser contada a partir do processo, conforme Rosyenne Trotta (1995) escreve:

E um grupo não existe apenas na cena, mas principalmente nas condições que cria para ela, em tudo o que a cena pressupõe. O espetáculo é apenas a parcela do grupo que se torna pública. Então, o estudo de seu fazer teatral, deve ser o estudo de todas as atividades que antes, durante e depois da cena – do método organizativo ao processo de criação, do convívio humano à luta pela sobrevivência. (TROTТА, 1995, p.22-23)

A produção teatral dentro do processo de criação torna-se elemento de pesquisa artística, afinal faz parte do fazer teatral e está no processo criativo do início ao fim e o modo de organização do *Núcleo de Pesquisas Teatrais Rascunho* permite relações horizontais entre os membros para que seja

realizada tal investigação, acredito que a forma de trabalho que o grupo faz tem influência da sua localização geográfica, mas principalmente econômica. O Estado do Maranhão não possui editais de fomento para a cultura, nem tão pouco para o teatro. A realidade dos artistas maranhenses não se difere de outras localidades, mas acredito que essa realidade é um fator importante para um grupo formado atualmente por ex-alunos da universidade se organizem sem obrigatoriamente pensar apenas na forma como irão se financiar.

A realidade do teatro no Maranhão a partir do século XX é contada por Abimaelson Santos ao realizar um estudo acerca da transgressão do teatro no Maranhão afirma: “o novo movimento teatral ludovicense é decorrente do crescimento do teatro experimental e de pesquisa, da investigação sobre a cena contemporânea e da necessidade de os artistas debaterem.” (2013, p. 54). E aqui acrescentamos a visível inclinação à experimentação, experimentação que contribui com a criação artística nos processos criativos. É importante pontuar, que a ideia de *transgressão estética* apresentada pelo pesquisador, transcorre pelas modificações que aconteceram no processo de criação teatral nas últimas décadas, refletindo sobre como se relacionaram com as “transformações societárias, considerando que, desde meados do século XX, o teatro apresenta-se enquanto uma forma de linguagem artística polissêmica e multável” (SANTOS, 2013, p.55).

Diante da fala do pesquisador, compreendo que isso acarretou nos últimos anos uma nova configuração nos modos de organização dos grupos de teatro da cidade, um exemplo é o *Núcleo de Pesquisas Teatrais Rascunho*, que busca em sua essência pesquisar, ou seja, experimentar práticas teatrais em grupo. A pesquisa, em termos de teoria e prática, enquanto elemento constante nos grupos, sobretudo com o advento do curso de *Licenciatura em Teatro* da Universidade Federal do Maranhão - UFMA no ano de 2005, vai se estabelecer, decisivamente, nos grupos de teatro ludovicenses.

Segundo Rosyenne Trotta (1995), o processo de criação assim como a produção, devem ser estudados, pois no teatro de grupo eles também pertencem ao fazer teatral. Pensar a produção a partir da minha prática dentro do *Núcleo de Pesquisas Teatrais Rascunho*, não é uma questão tão tranquila quanto

aparenta ser, se é que aparenta. O desafio é discorrer sobre ter a produção dentro do processo criativo de um grupo e buscar conceituar o termo **produtor-criador**, a partir a função de produtora que exerço dentro do grupo, com atenção para suas implicações como meio, cujo eixo é o próprio artista.

### **Produtor-criador: contribuição no processo criativo**

O teórico francês Patrice Pavis (2008) ao definir a noção de produção teatral, nos revela caminhos que podem ser valiosos ao entendimento do contexto no qual o elemento produtor, se dilui não apenas nas atividades relativas ao levantamento de materiais do espetáculo, mas enquanto sujeito da criação:

O inglês *production* tomado como encenação, realização cênica sugere bem o caráter construído e concreto do trabalho teatral que precede a realização de todo o espetáculo. (...) No Brasil o termo produção teatral engloba todos os procedimentos adotados para o levantamento material do espetáculo, abrangendo custos (produção propriamente dita) e a operacionalização da encenação (contratação e administração de pessoal artístico e técnico, aquisição de materiais etc.). (PAVIS, 2008, p. 307)

Pavis caracteriza a produção, de forma geral, enquanto instância da preparação, da construção de elementos que se tornarão essenciais na execução da encenação. Essa antecipação à recepção pelo público do espetáculo também pode ser entendida enquanto espaço de criação, além das fronteiras da supervisão externa da figura do produtor, mas este enquanto elemento constituinte da produção de significados e significantes da obra, ou seja, criador. A mudança na forma de pensar a produção, possibilita cogitar uma possível reorganização do ato da produção, indicando que a relação existente entre processo criativo e de produção define as práticas ideológicas deste tipo de fazer teatral. (MARINA, 2017).

Levando em consideração as palavras de Pavis (2008), entendo por **produtor-criador** o integrante de um grupo de teatro que, executa atividade na gestão e produção do grupo, além de participar das discussões e construção dos processos criativos de maneira efetiva e assídua, contribui ativamente para os resultados estéticos do grupo, pois o mesmo é parte grupo. A expressão **produtor-criador**, parece ser pertinente na tentativa de estabelecer embasamento para a reflexão dessa pesquisa. Pensando na perspectiva de que

o integrante atua em todos os procedimentos para a concretização do espetáculo a ser montado, compreendo que a experiência adquirida ao longo do processo faz com que o produtor, torne-se também criador da obra junto com os demais membros, desmitificando a ideia de que a produção é apenas o trabalho “pesado”

...a ideia de que ao artista não compete envolver-se na produção e gestão de seu trabalho se deva ao fato de que, no âmbito da produção teatral atual, muito tem-se discutido a respeito dos aspectos técnicos que a circunscrevem (encontrar formas de financiamento, escrever projetos, vender trabalhos, dominar o *marketing* cultural), como se tais funções configurassem um tipo de trabalho braçal apenas e nunca intelectual e ideológico. (MARINA, 2017, p.198)

No dia-a-dia do meu ofício e em conversas informais com colegas de ofício, percebi que a produção é temida por alguns artistas, por ser uma atividade que envolve questões burocráticas e tempo (o que nem sempre sobra dentro de grupo), e acaba sendo vista para alguns artistas como um “acessório” do fazer teatral ou muitas vezes como algo menor em relação as demais áreas que pertencem ao fazer teatral, é preciso deixar de entender a produção apenas a partir do objetivo de viabilização financeira de espetáculos. (MARINA, 2017).

A autoria da obra é uma discussão que necessita de atenção, principalmente quando se fala de uma obra criada dentro de um grupo que trabalha na perspectiva do teatro de grupo, como é o caso do *Núcleo de Pesquisas Teatrais Rascunho*. As proposições criativas dentro do Rascunho, acontecem através de laboratórios criativos onde todos os membros participam, seja conduzindo ou apenas participando do laboratório. Existe discussão prévia para organizar o cronograma de trabalhos a serem realizados (discussões teóricas, participação de artistas externos ao grupo para ministrar laboratórios), tal forma de organização é feita durante reunião de planejamento e é essencial a presença de todos os membros. Percebo que a forma de trabalho do grupo, onde existe divisão de tarefas e participação nas atividades (como é o caso do Rascunho) pode ser considerada como uma prática que contribuiu para a resistência e existência do grupo, pois a auto-gestão oportuniza a participação de seus membros ao longo dos processos artísticos do grupo não limitando-os dentro do grupo, mas principalmente nas produções.

Diante da estrutura de organização apresentada, fica claro que a participação dos artistas do grupo, durante todo o processo de criação e em

outras áreas teatrais é de grande importância para mantê-lo vivo e resistindo às ações do tempo em relação a prática artística. Nessa organização, o modelo teatral é o reflexo dos desejos, sonhos e necessidades que estão alinhadas a concepções ideológicas próprias de um grupo ou artista individual. (MARINA, 2017, p.75)

Entender a produção como fazer criativo se faz necessário, já que nesse escrito a figura da produtora não é encarada apenas como uma executora, ou seja, a produção deixa de ser apenas operacional e adentra o trabalho artístico no âmbito onde todos opinam e criam. O produtor Rômulo Avelar, questiona sobre a interferência do produtor no processo criativo:

[...] até que ponto o produtor deve intervir na condução do processo criativo? Eis uma questão que suscita polêmicas. São muitas as pessoas que refutam qualquer tipo de interferência desse profissional na criação. Numa linha divergente, há aqueles que chegam a defender ampla liberdade ao produtor para alterar o trabalho artístico, em nome dos interesses do mercado. (AVELAR, 2013, p. 88)

Levando em consideração o questionamento levantado pelo produtor Rômulo Avelar, que aponta que a relação entre artista e produtor pode ser espinhosa se pensarmos no produtor apenas como contratante ou financiador, afinal durante muito tempo o entendimento de que a produção é o oposto criação artística foi defendido, como fica claro na definição já apresentada por Patrice Pavis (2008), porém nesse trabalho de investigação a partir da prática exercida dentro do Rascunho essa ideia não é reforçada.

A tese de que a produtora não pode intervir na criação não contempla esse trabalho, pois nele trato de uma realidade teatral onde o trabalho flui de forma horizontal entre os membros do grupo, demonstrando que a produção não é somente executiva, a mesma contribui para desenvolver metodologias e éticas de trabalho que possuem implicações artísticas e criativas e para tanto, a figura do produtor está dentro do trabalho (desde o processo) e do grupo, ou seja, nesse caso o produtor intervém porque é quem cria e a questão mercadológica não é a maior preocupação para os artistas do grupo ao longo do processo de criação. (MARINA, 2017).

Diante da metodologia de trabalho que o *Núcleo de Pesquisas Teatrais* utiliza, compreender o que vêm a ser *autoria* faz-se necessário, uma vez que

coloco em discussão a participação do produtor na criação da obra ao longo de um processo de criação em grupo. É interessante refletir à cerca do que Walter Benjamin (1984) em seu artigo “*O autor como produtor*” publicado no livro *Magia e técnica, arte e política: Obras escolhidas*. No artigo, Benjamin trata a produção de obras literárias progressistas, onde as mesmas devem ser pensadas levando em consideração o contexto social em que se inserem. Nesse sentido, a crítica literária, bem como o posicionamento político e crítico da criação artística, não poderia idealizar a obra (texto) isoladamente. Trago esse pensamento de Benjamin (1984) para o contexto do processo de criação no teatro de grupo. Acredito que analisar socialmente as obras do teatro é tarefa importante para os meios de produção.

O pesquisador André Carreira (2002) apresenta no livro *Práticas de Produção Teatral em Santa Catarina* um pequeno guia de como organizar produções teatrais, entretanto para chegar nesse ponto o autor nos faz compreender a importância do trabalho da produção junto ao processo criativo quando nos esclarece o que é produção e sua importância para o trabalho criativo desenvolvido no seio de um grupo, respeitando e reafirmando suas ideias através dos procedimentos de produção.

Produzir é basicamente criar condições materiais para a realização artística do projeto. Será o produtor que ao participar da gênese do projeto teatral deverá preocupar-se em descobrir dentro dos elementos constitutivos os caminhos a serem seguidos para a construção do projeto de produção. (CARREIRA, 2002, p.77)

Nesse sentido, a participação do produtor (que é artista integrante do grupo), é importante nos processos que norteiam a construção durante o processo de criação, ou seja, a produção deve ser pensada em diálogo com o processo criativo. Pensa-la separadamente é abandonar o conceito já discutido aqui sobre o que é teatro de grupo e o porquê trabalhar nesse contexto, quando a produção não faz parte do processo de criação o grupo conseqüentemente estará vinculando-se a modelos grupais relacionados a um pensamento puramente mercadológico, onde o produtor é apenas um operador e não criador.

Em paralelo a reflexão de André Carreira (2002) sobre a participação do produtor no processo criativo, posso engatar tal reflexão as provocações que Walter Benjamin (1984) fez sobre a produção das obras literárias, pode-se

pensar que o artista de teatro que torna-se produtor por questões de ordem ideológica ao seu fazer teatral. Aparentemente as questões artísticas são incompatíveis com as administrativas, porém quando colocadas em uma dinâmica de trabalho em grupo e de forma horizontal tais questões se completam, já que no processo criativo em grupo a produção o integra desde o começo. Tornei-me produtora a partir de uma necessidade dentro do Rascunho, mas antes de assumir de fato tal papel, minha participação dentro dos estudos práticos e teóricos eram voltados para a atuação. Essa colocação é pontual, pois vem da reflexão em que o autor discorre, sobre escritor informativo (que é aquele que reproduz um tipo de pensamento e ideologia de classe) e que não estiver a altura da sua produção, encontre-se apenas no campo das ideias. Refletir sobre a o produtor-criador, amplia a mente que antes era fechada para compreender e pensar o artista como agente operativo (aquele que não apenas informa), não permitindo a limitação a sua própria criação. (MARINA, 2017)

A pesquisadora *Cecília Almeida Salles*, apresenta o seguinte conceito sobre autoria

Proponho, assim, um conceito de autoria, exatamente nessa interação entre o sujeito e os outros. É uma autoria distinguível, porém não separável dos diálogos com o outro; não se trata de uma autoria fechada em um sujeito, mas não deixa de haver espaço de distinção. Sob o ponto de vista, a autoria se estabelece nas relações, ou seja, nas interações que sustentam a rede, que vai se construindo ao longo do processo de criação. Trata-se de um conceito de autoria em rede. (SALLES, 2017, p. 39-40).

Ainda pensando sobre o processo de criação em grupo e autoria, é importante pontuar que eu, enquanto **produtora-criadora**, possuo formação prática de acordo com realidade na qual estou inserida, aprendi especificamente a executar meu ofício através das relações que a vivência em grupo me proporcionou, desenvolvi minha prática a partir de uma necessidade oriunda do grupo e participo ativamente das propostas de estudos práticos e teóricos. Nesse caso, o entendimento de criação se coaduna com a realidade do sujeito, sendo feita através de “laços e interações, e nosso conhecimento é incapaz de perceber o *complexus*- aquilo que é tecido em conjunto.” (SALLES, 2017, p. 40). A criação em rede se encaixa dentro do contexto da pesquisa em questão, uma vez que as relações dentro do grupo colaboram para o processo de criação. O *Núcleo de Pesquisas Teatrais Rascunho* se propõe a refletir a partir do processo de criação, essa ideia surgiu a partir dos diálogos que os membros, a criação

sendo discutida e construída a partir de vários olhares e cada membro traz pra sim as contribuições oportunas para desenvolver sua atividade artística, quer seja produtor, ator ou diretor. Os diálogos estabelecidos ao longo de um processo criativo é que vai sustentá-lo.

Reconhecer esse lugar, essa condição de **produtora-criadora** me ajudou a para de sofrer em dizer qual o meu ofício dentro do *Núcleo de Pesquisas Teatrais Rascunho*, que é trabalhar com a produção. Importante entender que dentro da prática que o grupo escolheu trabalhar, a produção não é apenas operacional, principalmente por eu acreditar que o teatro de grupo é resistência. Resistir as adversidades que são impostas aos artistas que desenvolvem suas obras dentro de um grupo. Não se faz teatro sozinho, entender os limites artísticos e estéticos que são condicionados devido a realidade econômica na qual o grupo está inserido é entender que esse modo de organização é resistência.

## Referências Bibliográficas

AVELAR, Rômulo. **Notas sobre produção e gestão cultural**. 2ª ed. Belo Horizonte: Ed. DUO Editorial, 2010.

BENJAMIN, Walter. "O autor como produtor". In: **Magia e técnica, arte e política Obras escolhidas**. Vol. I. Trad: Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994, P. 122-126

CARREIRA, André. O Teatro de Grupo e a renovação do teatro no Brasil. In: **Subtexto. Revista de teatro do Galpão Cine Horto**. Ano IV, n. 04. Belo Horizonte: Rona Editora. 2007, p. 9-11.

\_\_\_\_\_. **Práticas de produção teatral em Santa Catarina**. Florianópolis: Fundo de apoio à pesquisa da UDESC e CNPq, 2002.

COHEN, Samantha Agustin. **Teatro de Grupo: trajetórias e relações impressões de uma visitante**. Joinville, SC: Editora Univille, 2010.

CORREIA, Thiago. Vou aprender a ler pra ensinar meus camaradas: o universo da produção cultural. (Artigo) Alvenarias **Cênicas: diálogos sobre especialidades da engenharia teatral**. Org. Francisco Lima, Frank Magalhães e Thiago Correia, São Paulo: Giostri Editora, 2018.

KOUDELA, Ingrid Dormien e ALMEIDA JÚNIOR, José Simões. **Léxico de pedagogia do teatro**. São Paulo: Perspectiva: SP Escola de Teatro, 2015, P.145-146.

MARINA, Heloisa. **Atriz produtora de um teatro menor latino americano: crises e potências na inter-seção dos processos de produção, gestão e criação**. Tese. UDESC, Centro de Artes, Doutorado em Teatro, Florianópolis, 2017.

MOSTAÇO, Edécio. Grupo de Teatro, um percurso histórico. (Artigo) **Revista Próximo Ato: teatro de grupo/** Org. Antônio Araújo, José Fernando Peixoto de Azevedo e Maria Tendlau, São Paulo: Itaú Cultural, 2011.

SALLES, Cecília Almeida. **Processos de criação em grupo: diálogos**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017.

SANTOS, Abimaelson Pereira. **Transgressões Estéticas e Pedagogia do Teatro: o Maranhão no século XXI**. São Luís, MA: EDUFMA, 2013.

SANTOS, Vladimir. Grupo de Teatro, um percurso histórico. (Artigo) **Revista Próximo Ato: teatro de grupo/** Org. Antônio Araújo, José Fernando Peixoto de Azevedo e Maria Tendlau, São Paulo: Itaú Cultural, 2011.

TROTТА, Rosyane. **Paradoxo do Teatro de Grupo no Brasil**. Dissertação de mestrado. ECA USP. 1995.

PAVIS, Patrice. **Dicionário do teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

VALE, Flávia Janiaski. **Produção e gestão no teatro de grupo como projeto de construção de autonomia.** Dissertação. UDESC, Centro de Artes, Mestrado em Teatro, Florianópolis, 2008.